

17 SET 1989
JORNAL DO BRASIL

Tecelãs pobres de Planaltina exportam para Índia e Austrália

Marina Wodtke

BRASÍLIA — Em Planaltina, a 42 quilômetros de Brasília, 80 mulheres trabalham entre seis a oito horas por dia tecendo a mão tapetes de *ponto brasileiro*, uma variante dos tradicionais arraiolo, que são vendidos às embaixadas e, principalmente, exportados para países tão distantes como a Índia ou a Austrália. As tecelãs, mulheres pobres da região, são orientadas por uma religiosa nascida em Bilbao, capital do País Basco, e há 40 anos no Brasil, a irmã Juanita da Ordem Franciscana Missionária de Maria. Com mais quatro freiras, ela dirige a missão e os negócios. “Com a crise, estamos vendendo menos”, queixa-se a irmã Juanita, saudosa dos tempos em que saíam 50 tapetes por mês. Hoje são vendidos ao redor de 20.

As queixas da religiosa referem-se apenas ao comércio local porque as exportações continuam rendendo bons lucros. Na última sexta-feira tecelãs de Planaltina e do município de Cabeceiras, em Goiás, trouxeram a última remessa de cem tapetes pequenos, parte de um lote de 350, feitos sob encomenda, que serão exportados para a Índia. Irmã Juanita não revela os lucros. Limita-se a dizer que toda a soma é aplicada na compra de material (lã, tela e agulhas) e no pagamento das mulheres. “Recentemente mandamos uma partilha para a Austrália — 200 tapetes —, mas eles demoraram a nos pagar. Os melhores clientes são os americanos, franceses, espanhóis e ingleses. Mas há muita gente que vem do Rio e de São Paulo compra a nossa mercadoria e posteriormente exporta”, revela.

Motivo — Os tapetes seguem motivos e cores bem ao gosto dos principais países importadores: papagaios, araras, flores exuberantes, borboletas. Originalmente foram desenhados pela irmã Maria Josefina Morales, também espanhola, que decidiu ajudar às mulheres de famílias carentes na economia doméstica, ensinando tapeçaria, em 1974. Inicialmente, as peças eram vendidas aos brasilienses e eventuais turistas. Com o interesse dos diplomatas estrangeiros, o pequeno negócio prosperou e começaram as primeiras exportações, em modestas quantidades para a Austrália e os Estados Unidos. Há dois anos Josefina morreu e foi sucedida por Juanita.

Eva Fonseca de Mello, há dez anos trabalhando como tapeceira, diz que o *ponto brasileiro* é mais bonito e perfeito do que o arraiolo. Cada ponto é repetido cinco vezes e o avesso não tem arremates à vista. Com os dedos cheios de calos, ela pode levar até um mês e meio para fazer um tapete grande, medindo 1,85 metro por 1,30 metro, vendido por NCz\$ 970,00 e usando 40 novelos de lã. “Mas também tecemos tapetes por encomenda. Naturalmente, os preços ficam mais caros.

As tapeceiras trabalham em casa. Passam no atelier das religiosas apenas para buscar material e receber o pagamento, que fica em torno de um salário mínimo mensal, independente de quantidade de peças produzidas. “Além do dinheiro, a tapeçaria é uma terapia perfeita. Esqueço a novela e os problemas de casa”, assegura Neusa Soares, 32 anos, dois filhos que faz entre três a quatro tapetes pequenos por mês.